

Fabiana Alves de Brito

Shakespeare e a transição do Renascimento ao Maneirismo:

Uma perspectiva Histórica, Filosófica, Religiosa e Psicológica

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Pós-Graduação em Língua Inglesa da Universidade Veiga de Almeida, sob orientação da professora Marilene Ferreira Cambeiro.

Universidade Veiga de Almeida
Rio de Janeiro – 2013

Fabiana Alves de Brito

**Shakespeare e a transição do Renascimento ao Maneirismo:
Perspectivas Históricas, Filosóficas, Religiosas e Psicológicas**

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Pós-Graduação em Língua Inglesa da Universidade Veiga de Almeida, sob orientação da professora Marilene Ferreira Cambeiro.

Data de aprovação: _____ / _____ de 2013

Professor

Professor

Professor

Universidade Veiga de Almeida
Rio de Janeiro – 2013

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria das Graças e minha tia, Anna Maria.

Agradecimentos

Agradeço à Deus por ter nascido e poder ter a oportunidade de estudar e, conseqüentemente, realizar este trabalho. Devo minha gratidão, também, a minha família, principalmente minha mãe, Maria das Graças e Minha tia, Anna Maria por me ajudar em todos os momentos que precisei. Na realização deste trabalho agradeço também à querida professora Marilene Cambeiro pela sua amizade, paciência, compreensão e imprescindível orientação acadêmica.

“A paz vem de dentro. Não a procure fora.”

Siddhartha Gautama – 563-483 a.C

Resumo

A transição do Renascimento ao Maneirismo foi um período em que houve transformações em diversas áreas, principalmente na religião e na sociedade. Essas transformações direcionaram as pessoas a novas formas de pensamentos que se desprendiam de mentalidades rígidas da época anterior, a Idade Média. Podemos citar Shakespeare e a importância de suas obras, Macbeth e Hamlet, ao tratar de níveis de consciência e a queda de valores morais e éticos.

Palavras-chave: História, Filosofia, Literatura, mudanças, conhecimento, visão religiosa, consciência.

Abstract

The Renaissance was a period which brought changes in several areas, specially in religion and society. These changes directed people to new forms of thoughts which broke up with the rigid mentality from the medieval times. There was a great contribution from Shakespeare and his masterpieces, Macbeth and Hamlet which played a major role referring to levels of conscience and corruption of moral and ethical values.

Key words: History, Philosophy, Literature, changes, knowledge, religious view, conscience.

Sumário

1 Introdução.....	8
2 Shakespeare e a periodização literária.....	10
2.1 Antiguidade.....	12
2.2 Idade Média.....	15
3 Renascimento.....	18
4 Maneirismo.....	28
5 A ótica de Shakespeare em Macbeth e Hamlet.....	31
6 Considerações Finais.....	40

1 Introdução

O presente trabalho monográfico intitulado “Shakespeare e a transição do Renascimento ao Maneirismo: Uma perspectiva Histórica, Filosófica, Religiosa e Psicológica” tem por objetivo abordar a transição da Renascença ao Maneirismo, suas contribuições e mudanças ocasionadas por esse mesmo período histórico. O objetivo, ao longo deste trabalho, não é apenas fazer um panorama histórico dessa mesma época, mas trazer à luz questões concernentes à religião e consciência dentro do humanismo clássico, presentes nesse período e que se expressam em Shakespeare.

Dentro das mudanças relacionadas à temática religiosa, resolvi lançar meus olhos pela forma como a religião, de diversas maneiras, está presente e exerce grande influência na sociedade europeia. Considerei de bastante valia enfatizar períodos históricos anteriores, como Antiguidade e Idade Média.

Dessa forma surgiu a vontade de situar o escritor nesse contexto histórico-religioso considerado de grande relevância e contribuição tanto para a Literatura quanto as artes: Renascimento e Maneirismo.

Ao escrever sobre o Renascimento, eu não poderia deixar de mencionar a Antiguidade e a Idade Média, pois foram épocas que trouxeram tamanha contribuição nas Artes, Filosofia, Literatura e Religião em escala universal. A Antiguidade exerceu grande influência na Renascença e, posteriormente, o período Renascentista também trouxe grandes contribuições para o mundo.

Ao longo de toda a Idade Média a visão religiosa era centrada em Deus, sendo conhecido como Teocentrismo. Com o Renascimento, essa visão mudou de foco. O ser humano passou a ser importante. O homem tornou-se sujeito de suas próprias ações e responsável por seus atos. Deus, na Renascença, seria um mediador e não o Deus que pune e castiga.

É a partir dessa nova concepção de Deus que eu considerei pertinente lançar meus olhos sobre esse momento histórico tão interessante.

É bastante significativo observarmos que a religião é um fator importante ao avaliarmos o nível de consciência dos indivíduos dentro de uma sociedade em um determinado período histórico. Isso pode ser analisado ao fazermos uma retrospectiva ao longo de períodos históricos como a Antiguidade, Idade Média, Renascimento e

Maneirismo. Cada época tem suas particularidades concernentes à filosofia, religião e nível de consciência.

As obras de Shakespeare mencionadas nesse trabalho são Macbeth e Hamlet. Por que eu escolhi essas duas obras? Tanto uma quanto a outra contém semelhanças em seus enredos. Em ambas as obras o espírito religioso e as questões relativas aos níveis de consciência mostram-se bastante presente. São, também, muito presentes nessas obras as crises de consciência, os conflitos psicológicos e dramas pessoais e internos das personagens.

Nessas obras as crises de consciência são geradoras de tormentos mentais que causam culpa (guilt) e remorso (remorse).

A importância de Shakespeare é grande, pois contribui para a compreensão do período em que ocorre a transição do Renascimento para o Maneirismo. Shakespeare foi um homem do Renascimento, mas vivenciou as transformações nas diversas áreas do conhecimento humano e nas diversas áreas da sociedade. Durante essa época, Shakespeare mostra com grande maestria os dramas e tragédias de suas personagens complexas. E esses dramas e tragédias são causadores de perturbações mentais, crises de consciência, valores morais e éticos rompidos.

As obras Macbeth e Hamlet serão trabalhadas em relação ao quesito consciência, natureza e caráter considerando-se o breve panorama histórico da Inglaterra na mesma época.

Essa monografia está dividida em seis (6) capítulos: Introdução, Shakespeare e a Periodização Literária: Antiguidade, Idade Média; Renascimento, Maneirismo, A ótica de Shakespeare em Macbeth e Hamlet e Considerações Finais. Nesse trabalho foram utilizados referenciais teóricos de livros especializados em Renascença, entre os mais citados: Agnes Heller, Berenice Cavalcante, Arnold Hauser.

2 Shakespeare e a Periodização Literária

Macbeth e Hamlet são duas grandes obras de expressão maneirista do considerado maior escritor da Língua Inglesa, Shakespeare. Em ambas as obras, cujos enredos que possuem similaridades é possível observar “o mundo confuso e em desintegração do seu tempo, tal como o faz Hamlet”. (Agnes Heller, 1982, p. 272).

Esse mundo confuso e em desintegração pode ser entendido através das personagens complexas nas referidas obras. Essas personagens mostram-se em um contínuo embate consigo mesmas, angustiadas e em um eterno “ser ou não ser”. Em oposição a essa afirmação podemos dizer que:

Qual o sentido da sua existência? Na Grécia Antiga garotos eram educados para que, até seus 15 anos, fossem capazes não apenas de responder a essa pergunta, mas também de apresentar uma sustentação oral que defendesse sua resposta diante de uma banca de notáveis do calibre, por exemplo, de Sócrates, Platão ou Aristóteles [...] O objetivo da Paideia era moldar o caráter.[...] os gregos se dedicavam tanto à capacitação de seus jovens no sentido de torná-los homens-excelência, ou seja, homens de caráter. [...] Em outras palavras, podemos dizer que todo o sistema educacional da Grécia Antiga buscava o ser [...]. (Lilian Graziano, 2013, p. 18).

Shakespeare viveu nos séculos XVI e XVII e ele vivenciou muitas mudanças na sociedade europeia. Desde a Antiguidade é possível observar nas referidas obras acima a deterioração do caráter tanto valorizado na Antiguidade. Na época de Shakespeare os valores morais e éticos são deturpados ou inexistentes. Ao fazermos uma incursão histórica podemos observar que a valorização da boa conduta, do ser naturalmente bom perde-se a partir da Idade Moderna. Sobre Shakespeare e suas obras mencionadas anteriormente, podemos afirmar que:

Shakespeare abre de tal modo suas personagens a múltiplas perspectivas que elas se tornam instrumentos analíticos para nos julgar. Se somos [...] dogmáticos, Hamlet nos escapa para sempre. E se somos explicadores, os grandes vilões de Shakespeare nos farão desesperar. [...] não são sem motivo; eles transbordam de motivos, a maioria dos quais inventam ou imaginam para si mesmos. [...] essas monstruosas malevolências, são artistas do eu, ou livres artistas de si mesmos, como observou Hegel. Hamlet, o mais fecundo entre eles, é dotado por Shakespeare de alguma coisa que parece muito uma consciência autoral, e não do próprio Shakespeare. Interpretar Hamlet torna-se tão difícil quanto interpretar aforistas como Emerson, Nietzsche e Kierkegaard. [...] O mais espantoso dos feitos de Shakespeare é ter sugerido mais contextos para explicar-nos do que somos capazes de oferecer para explicar suas personagens.

Para muitos leitores, os limites da arte humana são atingidos [...] com Hamlet, parece ser o pico do cânone shakespeariano. Minha preferência pessoal é por Macbeth, onde jamais supero meu choque diante da brutal economia da peça, sua maneira de fazer valer cada fala, cada frase. Contudo, Macbeth tem apenas uma personagem imensa, e mesmo Hamlet é tão dominado por seu herói que todas as figuras menores são cegadas (como nós) pelo seu brilho transcendente. [...] (Harold Bloom, 2001, p. 69)

A partir da Idade Média o Teocentrismo dominou a cultura, com a cristianização dos costumes. Durante o período medieval acreditava-se que o ser humano não poderia conseguir nada sem a ajuda de Deus. Havia um forte dogmatismo. A própria divisão de classes era considerada predeterminada por Deus. Nos séculos XV e XVI, com as mudanças de enfoque religioso, surgiu uma nova concepção do ser humano. Não havia aquela rigidez religiosa e o ser humano tornou-se o centro de interesse. Esse período ficou conhecido como Humanismo, pois, havia uma busca às raízes Greco-romanas, as conquistas individuais eram valorizadas, basicamente foi um período em que predominou o ser racional em detrimento do ser orientado para a religião e as doutrinas dogmáticas. É possível mencionar que com o início da Idade Moderna, há o surgimento do comércio, dando início a uma nova classe social, a burguesia. Avanços e novas descobertas científicas acontecem em larga escala.

Através dessa perspectiva histórica pode-se ter uma ideia de como a sociedade europeia modificou-se em seu modo de pensar, nos valores éticos e morais, no sentido de religião e preceitos filosóficos. O que foi dito anteriormente pode ser ratificado da seguinte forma:

Essa grande descoberta, cujo aspecto teórico era necessariamente diminuído, como vimos, pelo facto de a concepção dinâmica da sociedade ainda não ter conduzido à historicidade, surgiu em toda a sua riqueza sem contradições no mundo da representação artística. Penso nas peças históricas de Shakespeare, que são de facto, no sentido estrito da expressão, dramas históricos. O que as torna históricas não é o facto de descreverem acontecimentos de uma época passada [...] mas sim o de operarem com caracteres históricos [...]. (Agnes Heller, 1982, p. 273)

2.1 Antiguidade

A Antiguidade foi um período que durou do séc v a.C até v d.C e era conhecido por ter sido o berço da cultura Greco-Romana. Durante uma boa parte predominou a cultura grega com sua língua, costumes e as influências filosóficas, principalmente de Sócrates, Platão e Aristóteles. Porém esse mesmo período histórico passou por muitas mudanças até sua derrocada com a dominação do Império Romano.

A primeira grande transformação foi com o helenismo, que surgiu logo após a morte de Aristóteles, e fez com que a cultura e língua gregas ganhassem importância e respeito por toda a Europa:

[...] Começou então uma era completamente nova na história da humanidade. Surgiu uma comunidade internacional, na qual a cultura e a língua gregas desempenhavam papel preponderante. Este período, que durou cerca de trezentos anos, é frequentemente chamado de helenismo. Por helenismo entendemos a cultura predominantemente grega vigente nos três grandes reinos helênicos, a Macedônia, a Síria e o Egito.

A partir do ano 50 a.C., aproximadamente, Roma passou a assumir o domínio militar. Esta nova grande potência foi conquistando um a um todos os reinos helênicos, e a cultura romana, bem como a língua latina, passaram a predominar da Espanha, no Ocidente, até o extremo da Ásia. Começou então o período romano, por nós também conhecido como o final da Antiguidade [...] antes de os romanos conquistarem o mundo helênico, a própria Roma tinha sido uma província da cultura grega. Não é de estranhar, portanto, que a cultura grega e a filosofia grega tenha continuado a desempenhar um papel importante, muito tempo depois de a importância política dos gregos já ter sido esquecida. (Jostein Gaarder, 1995, p. 144,145)

Durante o helenismo, houve um grande enriquecimento em larga escala nas áreas da Religião, Filosofia e Ciência. As cidades-estado que faziam parte desta civilização grega mantiveram-se unidas de forma que pareciam ser uma única comunidade. Houve uma integração ou até mesmo mistura da cultura, línguas e religiões desses povos.

Ao longo desse período a cultura grega manteve-se forte e exerceu grande influência sobre os povos que habitavam o território grego. Mesmo estando a Grécia sob domínio romano, a cultura e a língua gregas se espalharam por todas as áreas ocupadas pelo Império Romano. Durante o helenismo, fundou-se a cidade de Alexandria, que viria

a tornar-se o centro das tradições mitológicas e religiosas, da cultura, artes e literatura. Houve uma expansão dos conhecimentos religiosos e filosóficos gregos, atraindo muitos estudiosos e filósofos. Esses conhecimentos se espalharam por todo o território romano e se misturou às religiões de outros povos.

O período helenista foi bastante rico gerando crescimento científico, educacional, artístico, filosófico. Muitas ideias novas foram surgindo, pois havia uma grande quantidade de pessoas interessadas em estudar e aprimorar seus conhecimentos nas diversas áreas, principalmente, Astronomia, Matemática, Medicina, etc¹.

É interessante observar a forma como a religião ou o sentido de religião era conduzido durante o helenismo. Embora muitas religiões tenham surgido ao longo desse período, nada de novo realmente apareceu. As religiões e concepções filosóficas eram baseadas nos três grandes filósofos: Sócrates, Platão e Aristóteles.

O Império Romano estendeu seu domínio por quase toda a Europa e Ásia, e esse fato fez com que os conhecimentos, línguas e religiões dos diferentes povos se misturassem. As religiões recebiam diversos tipos de influências. Em Alexandria, no Egito, foi possível observar que as religiões gregas e conceitos filosóficos e misturavam ao culto de Deuses da Mitologia. O espírito religioso presente no antigo Egito dava bastante importância à questão da origem da vida, a rituais com o intuito de cultuar deuses e deusas, acreditavam na vida após a morte, humanizavam os deuses através de traços de personalidade e sentimentos, como vingança, ciúme, paixão e outros. A religião do antigo Egito exerceu, também, grande influência ao longo do período Greco-romano e continua influenciando até os nossos dias².

Basicamente nós podemos afirmar que as ideias filosóficas durante o helenismo apoiavam-se em concepções religiosas e filosóficas de Sócrates, Platão e Aristóteles de forma que o objetivo religioso a ser alcançado nessa fase histórica era simplesmente melhorar a qualidade de vida, viver de forma tranquila uns com os outros para que, dessa forma, se possa atingir o ideal de felicidade.

Esse ideal de felicidade estava relacionado às teorias éticas da filosofia da antiguidade. A partir disso é possível entender que os filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles e outros defendiam uma vida sem excessos, a valorização de determinadas condutas de cada indivíduo, como praticar o Bem, o senso de Justiça e o aprimoramento da Virtude e do Saber. Portanto, alcançaria a verdadeira felicidade os sábios, ou seja, aqueles que seguissem todos esses passos e que, também, sabia fazer bom uso do livre arbítrio (Agnes Heller, 1982, p.85-115).

1 e 2 Jostein Gaarder, 1995, página 144-155.

No próximo capítulo iremos abordar o período histórico referente à Idade Média e quais foram as contribuições que essa época ofereceu para o mundo e como esse mesmo período se desenvolveu ao longo de mil anos em diferentes áreas do conhecimento, entre elas o conceito de religião.

2.2 Idade Média

Segundo Jostein Gaarder, “a expressão ‘Idade Média’ surgiu no Renascimento” (1995, p. 189). Ao nos referirmos à época medieval, é possível constatar que esse mesmo período pode ser interpretado como uma fase de grandes novidades e mudanças, e há também, aqueles que o interpretam de modo negativo:

[...] Para o homem renascentista, a Idade Média tinha sido uma única e longa “noite de mil anos”, que cobria a Europa entre a Antiguidade e o Renascimento. Ainda hoje empregamos a expressão “medieval” em sentido pejorativo para nos referir a tudo que nos parece demasiado rígido e autoritário. Mas também houve os que considerassem a Idade média um período, que se constituiu o sistema escolar. Já nos primórdios da Idade Média surgiram nos conventos as primeiras escolas. No século XII, as escolas das catedrais vieram se juntar às dos mosteiros. Por volta de 1200, aproximadamente, começaram a ser fundadas as primeiras universidades. Ainda hoje os estudos das diferentes áreas do saber são divididos em diferentes “faculdades”, exatamente como na Idade Média. (Jostein Gaarder, 1995, p. 189)

É possível dizer que, ainda hoje, há uma interpretação errônea em relação à Idade Média, em acreditar que ela possa ser interpretada como um único e longo período histórico.

A unidade da Idade Média como período histórico é um conceito puramente artificial. Na realidade, ela divide-se em três períodos culturais inteiramente distintos – a economia natural da primitiva Idade Média, a cavalaria galante da alta Idade Média e a cultura burguesa da última parte da Idade Média. (Arnold Hauser, 1972, p. 181)

Durante os anos em que a Idade Média esteve sob o domínio Romano, houve enriquecimento cultural e financeiro. O início da Idade Média prosperava. Entretanto é possível afirmar que, ao longo de toda essa época, houve uma diminuição do comércio. Na

verdade o que prevaleceu durante uma boa parte do período medieval foi o comércio de trocas e a economia de bens *in natura*. No comércio de trocas a moeda ou qualquer espécie de dinheiro não era utilizado. Havia algo conhecido como barganha, ou seja, objetos e/ou alimentos que eram trocados por outros. A noção de comércio em que há a troca de objetos e/ou alimentos por dinheiro, igual aos dias de hoje, só irá surgir na Baixa Idade Média, período esse em que ocorre diversas mudanças econômicas, sociais, culturais e religiosas em escala global, dando início ao período conhecido como Renascimento.

Durante a Alta Idade Média prevaleceu o feudalismo. No feudalismo uma minoria detinha o poder e posse de grandes áreas de terra onde os camponeses tinham que trabalhar para sobreviver. No final da Idade Média, ou Baixa Idade Média, o comércio ressurgiu e foi reintroduzido em diversas regiões, gerando um reaquecimento econômico e social. Com um novo crescimento econômico gerado pelo comércio, iniciou-se uma nova classe social, a burguesia³.

É importante observar que durante a Idade Média houve um grande avanço em larga escala. Esse mesmo período histórico trouxe contribuições nas diversas áreas do conhecimento e exercendo, também, grande influência no Renascimento.

Ao fazermos uma incursão histórica pela Idade Média, pode-se perceber que, apesar do declínio cultural e econômico, a arte e a religião foram de extrema importância e houve uma grande expansão nessas áreas. As grandes manifestações culturais passaram por um retrocesso, porém, muitos artistas encontraram espaço nas igrejas onde puderam expressar sua arte através de decorações. Devido a isso pode-se entender a forte presença do caráter religioso na sociedade que era fortemente denominada como Cristã.

Entende-se que ao longo da Alta Idade Média a arte românica teve bastante presença. A arte românica destacou-se no período de forte presença do feudalismo. O objetivo da arte românica era a busca da fé e fazia-se uso de muitas imagens religiosas. A partir desse conceito de arte surge o estilo gótico. No estilo gótico, as igrejas, os mosteiros, os templos eram decorados em cores escuras, como forma de lembrar as pessoas da maldade desse mundo e orientá-las a caminhar para dentro desses templos para que possam ir em busca da luz. O estilo gótico foi bastante presente já na Baixa Idade Média⁴.

3 Gaarder, 1995, p. 190.

4 Hauser, 1972, História Social da Literatura e da Arte.

O Renascimento é o tema do próximo capítulo. Nesse mesmo capítulo nós teremos um panorama de como surgiu o Renascimento e porque esse período histórico foi considerado um dos mais ricos e importantes para as artes e o pensamento, as influências recebidas do período anterior e as contribuições que essa época ofereceu ao mundo.

3 O Renascimento

O Renascimento foi resultado das mudanças que surgiram logo após a Idade Média, em meados do século XIV, e foi uma época de grande riqueza em todas as áreas através da qual “o homem se transformou no centro de interesse” (Agnes Heller, 1982, p. 16). Esse período de extrema importância iniciou-se na Itália e “Florença foi, sem dúvida, o centro da Renascença artística europeia durante a maior parte do século XV”. (Stephen Farthing, Richard Cork, 2010, p. 172).

Na história europeia, a Renascença marca a transição do fim da Idade Média para o surgimento da Idade Moderna. O termo faz referência ao ressurgimento do interesse pelos tesouros intelectuais e artísticos da Grécia e da Roma antigas. Obras de autores clássicos como Platão, Aristóteles, Cícero e Homero, que haviam caído na obscuridade no Ocidente, são redescobertas, e com elas uma visão mais humanista, que dá prioridade ao homem e às realizações humanas. Embora não seja de maneira nenhuma uma rejeição ao conhecimento teológico – a veneração e a simbologia cristãs continuam a inspirar os artistas da Renascença. Essa abordagem estava em desacordo com os ensinamentos da Igreja Medieval, que insistia que a Humanidade não podia alcançar nada sem a ajuda de Deus. (Stephen Farthing, Richard Cork, 2010, p. 150)

É possível observar que, ao compararmos o Renascimento à Idade Média no sentido religioso, nós podemos dizer que durante o período medieval o cristianismo era de extrema importância. Os cidadãos, os povos que viveram ao longo desses mil anos em que durou a Idade Média ficavam presos às doutrinas da Igreja católica sem liberdade de expressão e autonomia. A Igreja fazia-os acreditar que qualquer comportamento fora do padrão considerado aceito pela mesma, haveria punição ou castigo de Deus:

Em fins do século IV, o período de Roma enquanto potência política já tinha passado. Não demorou, porém, para que o bispo de Roma se tornasse o chefe de toda a Igreja católica romana. Ele recebeu o nome de *papa* – ou “pai” – e passou a ser considerado o representante de Jesus na Terra. Por esta razão, durante quase toda a Idade Média Roma foi a capital da Igreja. E não havia muitos que ousavam “erguer a voz contra Roma”. Pouco a pouco, porém, os reis e príncipes dos novos Estados nacionais se tornaram tão poderosos que alguns deles reuniram coragem para se opor ao forte poder da Igreja. (Jostein Gaarder, 1995, p. 190-191)

Durante a Idade Média “a Igreja havia fechado a Academia de Platão, em Atenas [...]” (Jostein Gaarder, 1995, p. 191). Então, o objetivo do período Renascentista era trazer de volta a filosofia e o pensamento filosófico que existia na Antiguidade e nos primórdios da Idade Média.

O Renascimento surgiu na Itália no período que abrange os séculos XIV e XV. Ao longo dessa fase iniciou-se um movimento designado Humanismo. No humanismo, havia uma crença nas possibilidades criativas do ser humano. Isso se deve ao fato de que, na Idade Média, Deus era o centro de importância enquanto no renascimento o ser humano passou a ser o centro de interesse. Diversos tipos de arte se desenvolveram nesse período.

No renascimento havia a necessidade de ir em busca das origens na Antiguidade. De acordo com Berenice Cavalcante, eram “tempos de renovação e de regresso ao passado Greco-romano eleito como modelo (2002, p. 10-12). Esses tempos de renovação mencionados pela autora estão relacionados às mudanças que começaram a ocorrer desde o final da Idade Média. Isso pode ser observado nas artes, na literatura, ciência, política, economia, na vida em sociedade.

É importante entender que o caráter renovador do renascimento não tinha por objetivo fazer uma renovação da antiguidade. A intenção era buscar novas maneiras de se pensar a sociedade, a religião, a vida. Em algumas das suas formas a ideologia da Antiguidade mostrou de fato ser importante, de diferentes modos, para a ideologia do Renascimento, mas como veremos funcionou mais como um depósito de pensamento passível de transformação à medida dos desejos do que como um modelo a imitar (Agnes Heller, 1982, p.12).

Um outro ponto a ser considerado é o conceito de liberdade e igualdade. Esses dois conceitos foram surgindo ao longo do tempo. Na Idade Média, a desigualdade era vista com bons olhos pela igreja, pois acreditava-se que Deus predeterminava em que classe social cada indivíduo nasceria. Segundo os preceitos da igreja, a diferenças entre classes existia para que pessoas de classes inferiores valorizassem a humildade e/ou o modo de ser e viver humildemente reconhecendo que há sempre indivíduos superiores aos outros. Esse tipo de mentalidade foi-se enfraquecendo com o final da Idade Média porque os menos favorecidos passaram a questionar a desigualdade e reivindicar seus direitos, ou seja, igualdade e liberdade. O modo de pensar mais igualitário surgiu gradativamente e

coincidiu com o início do Renascimento. Em Itália e em Florença em particular já no século XIII, a liberdade e a igualdade eram palavras de ordem políticas; primeiro eram palavras de ordem da alta burguesia contra a nobreza fundiária, depois da pequena e média burguesia contra a *haute bourgeoisie* e, finalmente, do povo contra toda a burguesia. O conceito de igualdade era desconhecido da antiguidade. Engels tinha razão ao observar que esta noção só apareceu no Cristianismo, enquanto conceito de igualdade perante Deus (Agnes Heller, 1982, p.12).

O caráter renovador do Renascimento tem origem no Humanismo, que é uma filosofia criada pelo poeta e intelectual Petrarca.

O humanismo exerceu um papel importante durante o Renascimento. Dentro desse contexto pode-se entender houve uma maior valorização do ser humano e cada indivíduo passou a ser visto como obras perfeitas de Deus. A partir desse conceito passou-se a acreditar que os indivíduos eram inteligentes o suficiente para raciocinarem por eles mesmos. Houve uma grande valorização da razão. Acreditava-se que tudo poderia ser explicado através da razão, inclusive a natureza. Durante o humanismo, pregava-se um retorno à Natureza. Segundo Petrarca, “os fragmentos daquele passado eram como ruínas que mereceriam ser restaurados para sobreviver num novo tempo” (Berenice Cavalcante, 2002, p.7)

É importante observar que Petrarca defendia que o modelo Greco-Romano deveria ser seguido e não copiado. A intenção dos humanistas não era fazer um retorno à cultura Greco-Romana, o ideal a ser alcançado estava relacionado à inspiração. Os humanistas buscavam inspiração na Antiguidade Clássica em seus costumes, estilo de vida, cultura e filosofia. No entanto, podemos entender que não havia imitação. A simples imitação não era possível, pois tratava-se de épocas diferentes, principalmente em suas estruturas e organização das sociedades.

Petrarca e os humanistas queriam romper com a mentalidade religiosa bastante enraizada em todo o período medieval de que o ser humano nunca poderia alcançar nada sem a ajuda divina. Dessa forma, o clero, Na Idade Média, conseguia explicar porque a camada mais pobre não poderia ascender socialmente, ou seja, quem nascesse pobre morreria pobre e quem nascesse rico morreria rico porque Deus quis assim.

* Francesco Petrarca, intelectual, poeta e humanista (1304-1374), Itália

Seguindo essa linha de raciocínio, os humanistas pretendiam mostrar que era possível que cada indivíduo pudesse, através do esforço próprio, alcançar postos mais altos ou até mesmo mudar de vida; que cada indivíduo seria capaz de pensar por si mesmo sem a intervenção do dogmatismo religioso. Devido a isso, a Filosofia, durante o Renascimento, teve um papel muito importante, pois permitiu que cada indivíduo pensasse a respeito de sua própria condição como ser humano único, mas vivendo em comunidades e a respeito de sua própria existência. Os questionamentos acerca da vida, de Deus e da existência eram reprimidos no período medieval, época em que cada indivíduo deveria contentar-se com sua sorte e obedecer cegamente a Deus⁵.

É importante enfatizar que o Renascimento caracterizou-se pela importância que passou a ser dada a “novas maneiras de viver, entre elas o culto do homem que se faz a si próprio”. (Agnes Heller, 1982, p. 17)

No que se refere à Ciência, o período Renascentista foi bastante rico. Entre diversos cientistas podemos destacar Galileu Galilei, que trouxe uma enorme contribuição e ideias inovadoras acerca da verdade, da natureza e do universo.

É possível afirmar que Galileu Galilei foi considerado o precursor da Ciência Moderna, pois trouxe inovações a respeito do universo. Suas descobertas revolucionaram as práticas científicas e a forma como civilizações posteriores passaram vivenciar o conhecimento do céu e planetas. Galileu, através de seu telescópio e outros equipamentos, pôde comprovar que existia muito mais além da filosofia natural, na qual filósofos e povos antigos acreditavam que a natureza era para ser apenas contemplada. Galileu Galilei acreditava que os conhecimentos obtidos através de estudos e diversas técnicas poderiam ter utilidade prática e ser utilizado de modo que pudesse ser aproveitado para gerar melhorias para a sociedade. No entanto, as inovações de suas descobertas geraram críticas e incomodou a igreja. Devido a isso, o cientista foi obrigado a se retratar e considerar suas descobertas falsas. Ao retratar-se, Galileu menciona “eu direi aqui o que ouvi de uma pessoa eclesiástica constituída em grau eminentíssimo [...] a intenção do Espírito Santo é ensinar-nos como se vai para o céu e não como vai o céu [...]” (Berenice Cavalcante et al, 2002, p. 65-66).

5 Berenice Cavalcante, 2002, p. 14-16

Ao longo do Renascimento houve grandes mudanças no modo de pensar das pessoas de forma que ocasionou modificações na vida em sociedade:

O conceito de Renascimento significa um processo social total, estendendo-se da esfera social e econômica onde a estrutura básica da sociedade foi afetada até ao domínio da cultura, envolvendo a vida de todos os dias e as maneiras de pensar, as práticas morais e os ideais éticos quotidianos, as formas de consciência religiosa, a arte e a ciência. Só podemos de fato falar de Renascimento quando todos estes aspectos surgem ligados e, num mesmo período, fundamentados em certas alterações da estrutura social e econômica [...]. (Agnes Heller, 1982, p. 9)

No sentido religioso é possível observar que no período do Renascimento a religião mostrou-se presente, porém sem o dogmatismo fortemente enraizado na Idade Média:

[...] o aparecimento de um interesse pelas coisas deste mundo não implicou a irreligiosidade. O ateísmo aberto foi bastante raro durante o Renascimento [...] durante o Renascimento o interesse prático pelas coisas deste mundo não entrava em conflito com a sobrevivência das ideias religiosas. Mas a religião do Renascimento era caracterizada pela desintegração do dogma: a religião diversificou-se e passou a apresentar muitas tonalidades, como que indicando o fato de a crença ser agora menos estrita, ser livre e poder ser escolhida livremente. (Agnes Heller, 1982, p. 17-18)

Pode-se dizer que o interesse prático pelas coisas desse mundo está relacionado à forma como o homem moderno entendia o sentido de Deus e como o próprio indivíduo começou a ver-se e a posicionar-se no mundo. Isso pode ser entendido da seguinte forma:

O Renascimento também trouxe consigo uma nova visão de Deus. Quando a filosofia e a ciência se separaram da teologia, começou a surgir paulatinamente uma nova forma de devoção, uma nova religiosidade cristã. Então veio o Renascimento com sua nova visão do homem. E isto também foi importante para a prática religiosa. Mais importante do que a relação com a Igreja enquanto instituição era a relação pessoal de cada um para com Deus. (Jostein Gaarder, 1982, p. 231)

É muito importante observar que no período do Renascimento houve Reformas religiosas e a mais importante foi de Lutero. Lutero foi considerado o mais importante, pois foi o primeiro a traduzir a Bíblia do latim. Dessa forma a Bíblia não ficaria restrita a padres e sacerdotes.

A Reforma Protestante foi um processo que mexeu com as estruturas do Catolicismo vigente por séculos e contribuiu para o surgimento de outras religiões como Calvinismo e Anglicanismo. A reforma surgiu como forma de indignação e descontentamento de fieis em relação a certos hábitos e condutas de religiosos e da igreja. Diversas modificações foram feitas. Com a Bíblia traduzida houve “a possibilidade de ler diretamente a Bíblia em vulgar” e “o acesso ao Verbo compreendido, realmente, como a mensagem divina” (Berenice Cavalcante, 2002, p.155). Afinal, “todo cristão é sacerdote, sacerdote de si mesmo” (2002, p.155).

As ideias dos reformistas protestantes iam de encontro a determinadas práticas católicas, entre elas, podemos citar a venda de indulgências. A doutrina católica acreditava que era possível que cada indivíduo pudesse comprar sua salvação e se redimir de seus pecados através do pagamento em dinheiro. Martinho Lutero também não acreditava na eficácia da confissão, ou seja, para Lutero o único caminho para salvação seria a fé, e o único caminho para a fé seria a Bíblia. A invenção da imprensa contribuiu para que essas ideias e ideais religiosos pudessem ser disseminados e atingissem um público maior.

Durante a Renascença houve a necessidade de cada indivíduo ir em busca de suas origens na Antiguidade. Dessa forma o homem Renascentista estaria em contato com a natureza novamente:

[...] a natureza se transformou no centro do pensamento [...] a natureza e o homem [...] a noção de que o homem pode conquistar alguma coisa à natureza, criando uma segunda natureza a partir da primeira, data do Renascimento. O reconhecimento da conquista da natureza é paralelo à descoberta do conceito de humanidade, que por sua vez é inseparável da ideia de desenvolvimento da humanidade [...]. (Agnes Heller, 1982, p. 16-17)

Martinho Lutero (1483-1546), Alemanha

A questão da importância da natureza pode ser observada em Macbeth quando ele entra em contato com as mesmas bruxas que previram, no início, que ele se tornaria rei.

Após ocupar o trono Macbeth receia ser derrotado e pede orientação a essas bruxas e elas afirmam que não há possibilidade de Macbeth ser derrotado e elas explicam o porquê:

[...] As previsões das Bruxas de que Macbeth não deve temer homem nenhum nascido de mulher e não precisa se preocupar até que a floresta de Birman não se mover contra ele sugere a força e os elementos da natureza violada que se voltam contra ele. Macduff nasceu antes do tempo e o exército inglês irá usar os galhos da floresta de Birman para se esconder [...] Ironicamente a agitação cósmica causada pela tirania de Macbeth voltar-se-á contra ele próprio como uma espécie de vingança, de retaliação. Assim, será possível restituir, com a ajuda do próprio cosmos, a ordem cósmica deturpada por seus crimes ditos antinaturais. (Carlos Roberto Ludwig, 2008, p. 62)

Quando Macbeth visita as feiticeiras na caverna em que moram e pede-lhes que profetizem qual será sua sorte, elas respondem ao pedido do rei com uma exibição de aparições. A primeira é uma cabeça armada que o previne para ter cuidado com Macduff, a segunda é uma criança ensanguentada que lhe promete que nenhum filho de mulher poderá causar-lhe dano, a terceira é uma criança coroada, tendo uma árvore na mão, que lhe promete segurança até que a floresta de Birnam não se mova contra ele. Estas visões o aliviam, mas surgem oito reis e o sorridente espectro de Banquo aponta para eles como seus descendentes. Ao deixar a caverna das feiticeiras, chegam-lhe notícias da fuga de Macduff para a Inglaterra e, como vingança, manda matar a esposa e os filhos do nobre escocês. Na Inglaterra, Malcolm, tendo primeiro experimentado a lealdade de Macduff, mostra-se esperançoso de seu auxílio, quando chega a notícia do assassinato de Lady Macduff e de seus filhos. (F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros In William Shakespeare, 1978, p. 114)

No sentido religioso, também, é possível observar nessa busca, a inspiração na Antiguidade. Segundo Berenice Cavalcante, “a Antiguidade também fora o berço Cristandade, que tivera origem com a chegada do Messias. Ela, em suma, fora o centro da renovação espiritual que dominaria os séculos posteriores [...]”.

É importante lembrar que no contexto renascentista, a mímeses da Natureza não estava ligada a pura e simples imitação. O intuito dos humanistas era procurar referências na antiguidade de forma que pudessem transformá-las em novas ideias e conceitos. Com a retomada dos estudos de conceitos filosóficos, houve um maior entendimento acerca da importância da Natureza e de que todos os seres vivos faziam parte da mesma. E esse aprofundamento dos estudos filosóficos fez com que abrisse a mente do homem renascentista com relação a Natureza humana e, também, a Natureza como ambiente exterior.

A consciência do ser humano como parte integrante da Natureza abriu caminhos para que se entendesse a importância religiosa para cada indivíduo. O descontentamento acerca de maus hábitos e condutas duvidosas referentes a religiosos na Idade Média não

implicou em aversão ao Cristianismo, muito pelo contrário, esse fato provocou mudanças na forma como as religiões foram conduzidas e praticadas. Isso é possível observar no surgimento do protestantismo.

Culturalmente, pode-se dizer que o Renascimento assemelhava-se ao Iluminismo em certos aspectos. Tanto o Iluminismo e o Renascimento foram períodos bastante ricos e que trouxeram grandes contribuições relacionadas ao conhecimento, porém, segundo Agnes Heller, ambas as eras tinham um “caráter polêmico”. Esse caráter polêmico tem a ver com um sentimento de denúncia de tudo o que era considerado errado, principalmente, relacionado à política. A partir disso, podemos mencionar dois autores que contribuíram para trazer à luz as práticas de abusos de poder na política e na igreja. Esses autores são Erasmo de Roterdã e Maquiavel (O príncipe).

Ao longo do Renascimento, a produção comercial, e, conseqüentemente, a burguesia passavam por um processo de crescimento e estruturação. No Iluminismo, a burguesia já mostrava-se bem estruturada e na Inglaterra era considerada a mais evoluída.

Tanto no Renascimento quanto no Iluminismo a Filosofia teve papel importante nas sociedades de cada época. No Renascimento houve a redescoberta da filosofia antiga e no Iluminismo, houve um aprofundamento de ideias e conceitos filosóficos e fez surgir diversos estudiosos com diferentes tipos de conhecimento. Porém, um dos fatores que os diferencia é a religião. Ao longo do período renascentista a religião manteve-se presente, sem o dogma, podendo ser escolhida livremente (Agnes Heller, 1982, p.18). Já no Iluminismo dava-se bastante importância à razão, assim como Platão. A razão devia iluminar a mente e a vida das pessoas. Destarte a religião foi relegada a segundo plano.

[...] Para o Iluminismo, a razão era sinônimo de luz ou esclarecimento, o que era já uma herança de Espinosa e Descartes. Mas durante o Renascimento a razão era ainda um poder carregado de contradições, em especial éticas, muitas vezes até em pacto aberto com o diabo. (Agnes Heller, 1982, p.18).

Podemos afirmar que “O mundo começava a surgir cada vez mais como um mundo feito de indivíduos” (Agnes Heller, 1982, p. 169).

O mundo Renascentista era diferente da Antiguidade e da Idade Média. Nessas épocas anteriores havia uma maior ênfase da vida em grupos. Já no Renascimento surgiu a ideia do homem como um ser social, porém mais individualista.

Segundo Agnes Heller, “O caráter deixou de se desenvolver organicamente a partir das tarefas e das expectativas fixadas à partida pelo sistema de ordens sociais feudais” (1982, p.169). A partir do que foi mencionado anteriormente, é possível entender que, durante o período medieval, a religião exercia uma forte influência nas pessoas e destarte era considerada uma verdade absoluta. Com o início da Idade Moderna, o sentido de verdade absoluta e o conhecimento que o mundo feudal acreditava ter acerca do caráter humano foi-se desfazendo. Durante mil anos, acreditava-se que o ser humano era incorruptível e que sua essência era pura, incapaz de qualquer maldade desde que seguisse todos os preceitos da doutrina católica, e mesmo se houvesse “pecado” cada indivíduo poderia redimir-se através da prece, confissões e pagamentos de indulgências.

No Renascimento houve a possibilidade de entender com mais clareza a natureza humana. Isso foi possível com a retomada dos estudos filosóficos da Antiguidade. Nesse ponto Shakespeare teve papel importante, pois mostrou, em sua Literatura, através de suas personagens, que os indivíduos podem agir para o bem e para mal, ou seja, cada ser tem o bom e o mau dentro de si e irá agir de acordo com as circunstâncias e, principalmente, sua natureza.

É importante lembrarmos que a busca à Antiguidade tinha importância como inspiração. O período Renascentista foi bastante inovador nesse aspecto. Os humanistas tinham muitas ideias e procuravam orientar-se para o futuro. O potencial de inovação estava ligado à criatividade, ao intelecto e, principalmente, espiritual. O movimento rumo ao progresso tinha como motor de ação a repressão religiosa, filosófica, cultural e científica, pois eram duramente reprimidos no período medieval. O movimento Renascentista agiu como uma retomada de tudo aquilo que ficou esquecido e/ou negligenciado durante o feudalismo.

Ao fazermos uma análise do período Renascentista, de acordo com o que foi citado anteriormente, podemos dizer que há um paradoxo. Há aquele que o comparam ao Iluminismo, que foi um momento histórico de grande avanço cultural e só viria a iniciar mais adiante, no século XVIII e o fato de que no Renascimento as pessoas voltaram-se para as suas raízes na Antiguidade. Essa aparente contradição é explicada da seguinte forma:

“[...] Viver no presente pressupõe no entanto um certo tipo de orientação para o futuro [...] aquele que desejar apenas viver no presente [...] deverá objetivamente atrasar-se em relação a um presente que está constantemente a mudar para algo de novo”. (Agnes Heller, 1982, p.160)

Observemos que, basicamente, a expressão do Renascimento surgiu em um período em que o homem passou a pensar em si como um ser social e a ver o mundo por outras perspectivas, tanto no sentido religioso como na vida em sociedade.

O enriquecimento cultural do Renascimento favoreceu a produção artística de Shakespeare. Ao longo do reinado de Elisabeth I, a Inglaterra passou por uma renovação cultural e artística. As peças de Shakespeare receberam projeção atraindo um público cada vez maior. O teatro elisabetano era bastante popular. É possível dizer que Shakespeare foi um escritor cujas obras têm caráter inovador, pois os temas de suas histórias têm a ver com o ser humano em sua essência, ou seja, suas emoções, sentimentos, caráter, virtudes, defeitos encontram-se muito presentes no homem contemporâneo.

Shakespeare mostrou com bastante clareza, em suas obras, as conquistas e as angústias do ser humano. Essa nova visão do homem está relacionada à valorização do mesmo, não como um ser superior a Deus, mas um ser que pensa e questiona sua condição de vida, a respeito da própria vida e, principalmente, como um ser social.

William Shakespeare (1564-1616), Reino Unido.

4 Maneirismo

O Maneirismo foi um período artístico que, em tese, foi primeiramente utilizado para referir-se às artes plásticas. Esse estilo ou período literário surgiu na metade do século XVI, encerrando assim o período Renascentista.

Pode-se dizer que o Maneirismo na Literatura traz uma alta dose de pessimismo e negatividade fazendo assim oposição ao período anterior, o Renascimento. Ao contrário do Maneirismo, O Renascimento prezava a racionalidade, o realismo, a harmonia e o otimismo. Já no Maneirismo havia muito exagero e, também, uma visão negativa da vida.

O Maneirismo ocupou tão tarde o primeiro plano da investigação da história da arte que o juízo depreciativo, implícito no seu próprio nome, é ainda hoje considerado como veredito adequado, e a concepção que encerra, sem preconceitos, este estilo como categoria puramente histórica, só dificilmente tem aberto caminho. No caso de outros nomes dados a estilos históricos, tais como gótico e renascença, barroco e classicismo, a sua valoração – positiva ou negativa alterou-se completamente. [...] no caso do maneirismo, a atitude negativa é ainda tão fortemente

ativa, que tem de lutar-se contra certa resistência interna para adquirir a coragem de denominar ‘maneiristas’ os grandes artistas e escritores deste período. Enquanto o conceito de maneirismo não se encontrar separado do de ‘amaneirado’, não será possível estabelecer uma categoria susceptível de ser usada na investigação histórica destes fenômenos. (Arnold Hauser, 1972, p. 471)

Em relação ao período maneirista podemos mencionar a importância de Shakespeare e sua grande contribuição literária através de suas personagens complexas, revelando as mudanças no caráter humano. O Maneirismo representa um período em que os indivíduos deparam-se com diversas crises, sejam elas internas ou pessoais. Nesse ponto pode-se afirmar que o Maneirismo se assemelha ao Barroco. Segundo Arnold Hauser, “mesmo os aspectos mais gerais de maneirismo contêm características muito variadas, que é difícil reunir num conceito único [...] especialmente no princípio e no fim do período, mistura-se com as tendências barrocas [...]” (Arnold Hauser, 1972, p. 477). Em larga escala, pode-se dizer que durante os séculos XVI e XVII, a Europa passava por uma crise religiosa em que lutava-se pela reforma da Igreja e esse fato gerou mudanças nas várias camadas da sociedade.

Devido a essas mudanças na Europa, uma das principais características desse período seria o isolamento e o sentimento negativo. Para muitos teóricos o Maneirismo foi um movimento sem importância, apenas um hiato entre o Renascimento e o Barroco. De acordo com Arnold Hauser, o Maneirismo “é antes um indício de fragmentação de todos os critérios de realidade e o resultado da tentativa, muitas vezes desesperada, de pôr a espiritualidade da Idade Média de harmonia com o realismo da Renascença [...]”(Arnold Hauser, 1972, p. 476).

De acordo com Nietzsche, “quem tem por que viver pode suportar quase qualquer como”. Nesse sentido, podemos entender que a crise pela qual a Europa passava teve grande influência nas obras de Shakespeare. Como um homem de seu tempo e, também, Renascentista, Shakespeare foi grande destaque na Literatura. Hamlet e Macbeth são duas grandes obras que podem ser consideradas maneiristas, pois retratam os dramas pessoais e crises psicológicas das personagens em um mundo moderno passando por diversas crises, principalmente a falta de valores morais e éticos. Nas duas referidas obras, pode-se observar que há descrença no ser humano. Os interesses são as posses e o poder a qualquer custo, e isso inclui tirar a vida de quem quer que seja.

Ainda ao referir-nos à questão da religião pode-se dizer que o espírito religioso, porém extremamente abalado em toda a Europa, a reforma da Igreja, o surgimento do Protestantismo com Martinho Lutero e o Calvinismo serviram de influência para as artes no Maneirismo e no Barroco. As influências não se restringiram somente ao quesito religioso, é possível afirmar, também, que questões políticas e envolvimento das classes abastadas da sociedade foram de considerável importância na expansão dessas artes. Sendo assim, pode-se dizer que:

Os dois estilos pós-clássicos emergem quase ao mesmo tempo da crise das primeiras décadas do século: o maneirismo, como expressão do antagonismo entre as tendências espiritualistas e sensualistas da época, e o barroco, como solução temporária do conflito, baseado no sentimento espontâneo.[...] Alguns eruditos interpretam o maneirismo como a reação que se segue ao primitivo barroco, e o último barroco como o contramovimento que destrona o maneirismo.[...] mas tal teoria, injustificadamente faz com que o primitivo barroco comece antes do maneirismo e exagera o caráter do maneirismo. O conflito entre os dois estilos é, na realidade, mais sociológico do que puramente histórico. O maneirismo é o estilo de uma classe aristocrática, cuja cultura é essencialmente internacional; o primitivo barroco é a expressão de uma tendência mais popular, mais emocional e mais nacionalista. (Arnold Hauser, 1972, p. 478)

Pode-se entender que o Maneirismo (segunda metade do século XVI) e o Barroco (Século XVII e primeira metade do século XVIII) foram movimentos em que os ideais divergiam dos ideais do Renascimento. Ao longo do Renascimento havia a busca da perfeição que não existia no Maneirismo e no Barroco. No Renascimento o ser humano era o centro de interesse. Essa concepção do ser humano durante o período Renascentista modificou-se, principalmente com as mudanças ocorridas na Europa, a Igreja dividida em todo o continente europeu e o desenvolvimento da burguesia que trouxe um novo conceito de ser humano através da expansão cultural e social. Durante esse período, Shakespeare e sua literatura exerceram grande influência em toda a Europa. É possível afirmar o que foi dito anteriormente da seguinte forma:

[...] Hegel põe Shakespeare, no melhor trecho crítico já escrito sobre a representação shakespeariana:

Quanto mais Shakespeare, na infinita abrangência de seu palco mundial, vai desenvolvendo os extremos limites de maldade e loucura, tanto mais... concentra essas personagens em suas limitações. Ao fazer isso, confere-lhes inteligência e imaginação; e por meio da imagem em que eles, com essa inteligência, se contemplam objetivamente, como obra de arte, ele os torna livres artistas de si mesmos, e consegue

plenamente, pela completa virilidade e verdade de sua caracterização, despertar nosso interesse não menos por criminosos que pelos mais vulgares e retardados labregos e idiotas. (Harold Bloom, 2001, p. 73-74)

Shakespeare procurou fazer uma abordagem do ser humano como ele realmente é. Suas obras possuem um caráter atemporal, pois tratam de dilemas, angústias, o grotesco e o mal presentes na Natureza humana. E o Maneirismo foi um estilo de época que evidenciou ainda mais todas essas características. Durante o Renascimento, havia a busca da certeza e da razão, no entanto, ao longo do maneirismo o ser humano encontrou-se bastante confuso e cheios de dúvidas acerca de si como indivíduo, como ser social e perante sua vida. Através das personagens de Shakespeare e a partir do maneirismo foi possível reconhecer que nenhum ser é perfeito, possuindo virtudes e defeitos; o bom e o mal dentro de si. Esse modelo de perfeição, o ideal de pureza e de ser incorruptível bastante presentes ao longo da Idade Média foram desfeitos durante a Idade Moderna.

5 A ótica de Shakespeare em Macbeth e Hamlet

Ao falarmos de Maneirismo não podemos deixar de considerar a importância de Shakespeare nesse período histórico tão significativo. É interessante ter em vista que as grandes obras de Shakespeare abrangem essa época e o período Renascentista e retratam os dramas, estilos de vida e níveis de consciência das pessoas durante esse tempo.

Pode-se observar que a importância da Natureza humana e a questão do caráter são bastante priorizados nas obras do referido autor. Durante o maneirismo passou-se a entender mais e haver um interesse maior pela essência do ser humano. A questão da natureza humana já era estudada por São Tomás de Aquino (seguidor de Aristóteles). São Tomás de Aquino acreditava que era “característica inata ao indivíduo agir conforme sua natureza (habitus)” (Berenice Cavalcante, 2002, p.16-20).

Durante o Renascimento houve uma valorização da razão, ou seja, a busca da verdade deveria ser pela razão. Entretanto esse ideal foi relegado a segundo plano, pois percebeu-se que só a busca da verdade pela razão não estava surtindo efeitos. O ser humano

ainda precisava das bases religiosas para atravessar pelos percalços da própria vida. Apenas a razão não estava dando base para as buscas da verdade. Em consequência disso, os indivíduos tornaram-se mais confusos, angustiados e cheios de dúvidas acerca de sua existência. É a partir desse ponto de vista e dos problemas políticos e sociais pela qual a Europa e, principalmente, Inglaterra estavam passando que Shakespeare encontrou inspiração para as suas obras.

[...] é preciso mencionar a extensa galeria de vilões e de ingênuos criados por William Shakespeare, personagens que bem poderiam ser interpretados como indicadores da descrença do poeta e dramaturgo na modelagem de homens virtuosos, tal como pretendia a paidea humanista. [...] é o paradigma shakespeariano que se impõe com seus personagens movidos pela ambição, a cobiça, a inveja, o ciúme e o amor. (Berenice Cavalcante, 2002, p. 18-20).

É importante enfatizar que o humanismo renascentista foi um processo pelo qual os pensadores e filósofos passaram a valorizar as criações, ações humanas e valores tais como respeito, justiça, liberdade, igualdade, etc. Também é possível incluir o desenvolvimento desses valores tão priorizados. Através dessa perspectiva passou-se então a entender que esses valores precisavam ser trabalhados para que pudessem ser desenvolvidos em sociedade. Portanto, tudo isso que foi mencionado anteriormente ia de encontro aos preceitos religiosos em que acreditava-se que esses valores eram criação de Deus e que eram transmitidos pela fé religiosa.

[...] É importante acrescentar que, na busca da compreensão sobre o homem e suas capacidades e de sua indagação sobre como agir no mundo, inicia-se o processo de desenvolvimento da natureza humana, que levaria os pensadores humanistas a compreendê-la de uma forma que se distanciava do ideal de bondade cultivado de longa data pela tradição cristã. (Berenice Cavalcante, 2002, p. 20).

A questão da consciência está presente praticamente em todas as suas obras. Entre elas podemos citar Macbeth:

A crítica de Macbeth concentra-se, em geral, sobre o problema da consciência e da ambição na peça. Contudo, não demonstram passo a passo como isso acontece na peça. Surpreendentemente, não existe a palavra “consciência” uma vez sequer na peça, apenas correlatos como *pity*, *remorse*, *guilty* e *shame*. Nesse sentido, apresenta-se uma breve abordagem das modulações da palavra “consciência” (*conscience*) no drama de Shakespeare. Ela se configura como a *consciência como função superegóica*, *consciência como capacidade de ter ciência sobre as coisas e sobre o mundo*, *consciência como o próprio ato de cognição*, *consciência da morte* e, por fim, a *consciência moral*. Todas essas modulações da palavra consciência assinalam a complexidade do problema no período e as ambiguidades inerentes à consciência, em particular a consciência moral. (Carlos Roberto Ludwig, 2008, p. 14)

Ao referir-nos à questão da existência da consciência e no que ela representa podemos dizer:

Desse modo, para Freud, a consciência provavelmente tenha surgido de uma “ambivalência emocional, de relações humanas bastante específicas, às quais essa ambivalência estava ligada”. Ela deve ter se originado em condições similares às da origem do tabu: um dos sentimentos opostos é inconsciente (o sentimento positivo) que é mantido sob pressão pela ação compulsiva dominante do outro (o sentimento negativo). Essa relação ambivalente do sentimento de culpa relaciona-se com o inconsciente, porque, para Freud, “não há necessidade de se proibir algo que ninguém deseja fazer e uma coisa que é proibida com a maior ênfase deve ser algo que é desejado”. É provável que para os povos ancestrais uma de suas tentações mais fortes era matar seus reis e sacerdotes, cometer incesto, ou seja, infringir a lei paterna. (Carlos Roberto Ludwig, 2008, p. 70)

De acordo com a citação anterior, podemos fazer uma análise dos enredos de Macbeth e Hamlet a partir das teorias de totem e tabu de Freud. Freud acreditava que civilizações bastante antigas, ou seja, povos primitivos viviam em sistemas chamados de totem ou totemismo. Nesse tipo de organização em que não havia sistema social e/ou religioso, grupos/clãs deveriam obedecer a certas normas e regras (tabu). Os dois tabus principais desses povos são os exatamente mencionados na citação acima: não cometer incesto. Essa regra aplicava-se aos membros do sexo masculino em uma aldeia, onde não deveriam desejar os membros do sexo oposto pertencentes ao mesmo grupo. O segundo tabu seria não matar. Ambos os tabus, segundo Freud, estão ligados aos desejos inconscientes de cada indivíduo. Para que não ocorresse a violação desses tabus era

necessária a proibição. Freud, então, parte do princípio de que nada é proibido se não for desejado.

Freud, também, menciona a existência de ambivalência emocional. Na ambivalência emocional prevalece duas emoções opostas (impulsos conflitantes). A tendência é haver uma maior ambivalência emocional enquanto houver uma forte ênfase em proibições. O que, de certa forma, direciona o indivíduo à violação do tabu e quando o tabu é violado o indivíduo passa a sentir culpa e angústia (Sigmund Freud, V. XIII).

É interessante observar não apenas a forma como o espírito religioso exerce influência nos homens ao longo do Maneirismo, mas também é de extrema importância analisarmos o nível de consciência de cada indivíduo, os valores morais e éticos da época.

Em *Macbeth* e em outras obras de Shakespeare podemos observar “a intensidade dos conflitos psicológicos” (Carlos Roberto Ludwig, 2008, p. 18). pode-se observar ao longo desta história conflitos psicológicos e crises de consciência que advêm do sentimento de culpa (guilt) e o medo da justiça divina (presente em toda a obra).

Em *Macbeth* o tema central é a ambição, as crises de consciência em decorrência de um regicídio e os tormentos mentais ocasionados por essa situação.

A partir do que foi mencionado anteriormente pode-se concluir que os estudiosos e filósofos da antiguidade prezavam a busca do conhecimento da alma humana. Entende-se que várias foram as correntes filosóficas que chegavam a diversas teorias. Para que chegasse à sabedoria era necessário o desenvolvimento do conhecimento acerca da natureza humana. Para que isso ocorresse era preciso ter “conhecimento de si próprio, conhecimento dos homens e o conhecimento da nossa situação individual” (Agnes Heller, 1982, p. 238). Portanto, o verdadeiro conhecimento da natureza humana dava-se ao fato de cada indivíduo conhecer, primeiramente, a si mesmo.

Em *Macbeth* e em *Hamlet*, podemos observar a desintegração de valores morais e éticos tão apreciados pelos povos antigos. A busca pelo poder, a ambição a qualquer custo, reforçam a teoria de que cada indivíduo tenderá a agir conforme a sua natureza. Acerca da moral, correntes filosóficas da antiguidade tinham interpretações diferentes. Sofistas acreditavam que a moral era produto de convenções sociais, ou seja, era a sociedade que impunha esses valores. Entretanto, Sócrates acreditava que questões morais estavam relacionadas à natureza humana. Destarte, o conceito de moral inerente a cada indivíduo influenciaria atitudes éticas e não éticas (comportamento de cada indivíduo em sociedade). Sendo assim:

[...] Não pode haver dúvida, como é evidente, de que a força e a profundidade do nosso conhecimento influenciam poderosamente as nossas decisões éticas. Mas o conteúdo ético do nosso conhecimento é função de toda personalidade moral, da nossa situação, e de outros factores pessoais. (Agnes Heller, 1982, p. 238).

É possível afirmar que “insurreições contra os reis eram um temor constante [...] gerou uma necessidade patente de se conter rebeliões e desordens [...]”. (Ludwig, 2008, p. 21).

A partir da observação citada acima, podemos lembrar que a morte do rei Duncan e de Banquo, foram planejadas pela esposa de Macbeth. E no decorrer da história Lady Macbeth passa a ter visões dos espíritos dos dois homens mortos gerando remorso (remorse) e culpa (guilt).

Casos de assassinatos narrados em MacBeth e/ou atitudes consideradas pecaminosas causavam temor e eram abordadas pela Igreja da seguinte forma:

A instituição eclesiástica afirmava que a salvação residia em estar conforme os ditames da Igreja, em ter fé no sentido católico da palavra. Em acreditar apenas no que o clero, secular e regular, nos ensinavam. Assim, quando se pecasse – e após o pecado original todos pecamos assim como todos morremos – bastaria confessar-se, arrepender-se, obter a absolvição libertadora e, finalmente, realizar boas obras. Mas, a confissão confortava? [...] Quem poderia ter certeza de ter sido absolvido de todos os pecados antes de morrer? E para quem morresse em pecado só existia a danação eterna; para os outros, o purgatório, onde as almas iriam penar até expiar os seus pecados. [...] (Berenice Cavalcante et al, 2002, p. 157-158)

Podemos dar continuidade a essa linha de raciocínio de forma que possamos lançar nossos olhos pelo contexto histórico da Inglaterra bastante presente nas obras de Shakespeare. Deve-se dizer que essas mesmas obras representam “dramas históricos” e “caracteres históricos” (Agnes Heller, 1982, p. 273). Como Já havia sido citado anteriormente, pode-se afirmar que o Renascimento surgiu como forma de se desvincular das ideias, estilo de vida e concepções religiosas ligadas à Idade Média. Dessa forma pode-se dizer que no Renascimento houve a necessidade de voltar às origens na Antiguidade. Porém, não podemos esquecer que ao longo do Maneirismo houve grandes transformações nos países europeus, sendo a Inglaterra o país que mais passou por essas transformações. Partindo da análise literária do referido período histórico em relação ao comportamento

das personagens como caracteres históricos, podemos afirmar que o homem do período Maneirista é diferente do homem do Renascimento assim como difere, também, do homem da Antiguidade, pois nesses casos, cada um está inserido em contextos e épocas de características próprias.

As mudanças pelas quais a Inglaterra passou do final da Idade Média e início da Era Moderna estão relacionadas à reforma religiosa e às modificações sócio-econômicas. O descontentamento com determinadas atitudes de religiosos foram o motor de ação para que houvesse as primeiras alterações nas leis católicas. Pode-se afirmar que Henrique VIII (1491-1547) foi um dos primeiros a gerar mudanças, pois mostrava-se insatisfeito com a rigidez das leis da igreja em relação à proibição do divórcio. O rei queria casar-se novamente. Somente aderindo ao protestantismo, foi possível a anulação da primeira união. Além disso, a insatisfação estava presente no setor econômico também. A igreja era detentora de grande parte das terras, onde existiam os feudos. Lembremos que ao longo do período medieval o comércio existia, apenas clandestinamente. A igreja condenava ferozmente a acumulação de capital, e isso gerou a revolta de grupos que queriam gerar renda através do comércio e não na agricultura (José Aluysio Reis In Francis Bacon, 1988, p. 8).

A Era Moderna foi um período de questionamentos em relação à vida, ao espírito religioso, à economia, à ciência, às artes. Os grandes lucros eram duramente combatidos pela igreja católica, porém com a reforma religiosa houve uma modificação nesse setor. As religiões protestantes não viam o lucro como algo ruim. O calvinismo, por exemplo, defendia o acúmulo de capital como algo divino.

A partir desse contexto podemos entender que o movimento Renascentista foi o resultado de uma total reestruturação das sociedades europeias, um processo de libertação de ideias e conceitos rígidos que vigoraram por diversos séculos.

O nível de consciência, valores e o sentido de importância como ser humano também difere:

A antiguidade via os acontecimentos dramáticos da vida humana preponderadamente na forma das mudanças de fortuna que irrompiam de fora e de cima por sobre o homem; ao passo que na tragédia elisabetana, a primeira forma peculiarmente moderna de tragédia, é muito maior o papel desempenhado pelo caráter singular do herói como fonte do seu destino. Esta é, acredito, a opinião dominante, e ela me parece acertada em conjunto. Evidentemente, ela precisa ser matizada e completada. Na introdução a uma edição de Shakespeare que tenho diante de mim (The complete works of W.S., London & Glasgow s.d.,

Introdução de St. John Ervine, p. XII), encontro que tal opinião vem expressa da seguinte forma:

And here we come on the great difference between the Greek and the Elizabethan drama: the tragedy in the Greek plays is an arranged one in which the characters have no decisive part. Theirs but to do and die. But the tragedy in the Elizabethan plays comes straight from the heart of the people themselves. Hamlet is Hamlet, not because a capricious god has compelled him to move to a tragic end, but because there is a unique essence in him which makes him incapable of behaving in any other way than he does.
(Erich Auerbach, 1987, p. 283)⁶

⁶ E aqui nós chegamos a grande diferença entre o drama grego e o Elisabetano: a tragédia nas peças gregas é dada de forma que as personagens não têm liberdade de ação, senão fazer ou morrer. Porém na tragédia Elisabetana as decisões vêm de dentro das personagens. Hamlet é Hamlet, não porque um Deus vingativo o tenha direcionado a um final trágico, mas porque há uma essência em seu interior que o torna incapaz de agir de outra forma.

É interessante observar que Hamlet, ao longo de toda a história tem por objetivo vingar a morte do pai. Sendo assim, pode-se ter uma visão mais abrangente do contexto histórico da seguinte forma:

[...] era necessária toda uma série de humilhações, de famílias destruídas, de horror e de desespero até um governante desse tipo poder chegar ao trono. [...] Tornou-se possível apreender o passado como história porque, na Inglaterra de Shakespeare, *o presente foi pela primeira vez sentido como história*. Nunca transformação tão súbita de toda a estrutura social fora vista, como na era da acumulação primitiva em Inglaterra. Sublinhei deliberadamente toda; com efeito, devemos ter presente que se Atenas e Florença tiveram histórias dramáticas, os acontecimentos dramáticos – a alternância de ascensão e queda – verificaram-se ainda sobre *uma mesma* base econômica (a acumulação primitiva, em Florença, de modo nenhum constituiu um processo tão repentino como em Inglaterra e, como vimos, acabou por ser travada). Em Inglaterra, no entanto, a estrutura econômica, a organização do Estado e a ideologia (religião) foram alteradas quase de um só golpe. A consciência de que da cabeça aos pés somos diferentes daquilo que éramos há cem anos era muito forte. [...] A reflexão dos gregos orientava-se para o passado; a dos ingleses, para o futuro.
(Agnes Heller, 1982, p. 273-274)

É importante observar que o tema vingança é bastante recorrente nas obras de Shakespeare. Durante a era elisabetana, matar um rei era a mesma coisa que infringir a lei paterna (Freud), portanto um crime contra um rei deveria ser vingado. Para que isso

pudesse ocorrer era necessário que o vingador fosse o seu sucessor ou um parente próximo. “Em Macbeth, o tiranicídio será mais tarde concretizado por Macduff, que vingará a morte de sua esposa, de seus filhos e a de Duncan (Carlos Roberto Ludwig, 2008, p. 36).

Ao analisarmos o enredo de Hamlet e Macbeth, podemos observar que em ambas as histórias encontramos situações similares no que concerne “constituição psicológica complexa de suas personagens” e “tensões psicológicas paradoxais, pois devem decidir entre o dever e a vontade, o respeito ao soberano e a satisfação de seu desejo.” (Carlos Roberto Ludwig, 2008, p. 42)

Lembremos que o rei era uma figura extremamente importante para o país e que deveria ser respeitado. Veremos que um rei era visto como um ser divino:

[...] A origem, o princípio, a fonte de vosso sangue parou; o próprio manancial secou! (William Shakespeare tradução F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros, 1978, p. 143)

Ainda em relação ao que foi dito anteriormente pode-se dizer que “para Freud, a derrubada de um rei pode ser considerada um tabu, envolto em sentimentos de piedade, culpa, consciência, ambivalência.” (Carlos Roberto Ludwig, 2008, p. 74)

Em relação aos valores morais e éticos ao longo do Maneirismo podemos dizer que “Shakespeare descreve muitas vezes o declínio historicamente necessário dos valores humanos que ele pessoalmente muito admira – como a lealdade cega, por exemplo.” (Agnes Heller, 1982, p. 120).

É interessante observar que Shakespeare, através de suas personagens, definiu a condição humana tornando-as universais. Suas obras têm um valor rico único, pois mostram as diversas facetas dos seres humanos em diferentes situações e contextos. As personagens em Shakespeare assemelham-se ao homem contemporâneo e possuem as mesmas angústias, dúvidas, sentimentos levados ao extremo, a busca pelo poder, a ambição, etc.

Devemos entender que essa nova maneira de Shakespeare ver e pensar o mundo foram resultado das modificações pela qual as civilizações passaram e esse fato influenciou as obras desse renomado escritor. É com certo pessimismo que Shakespeare transmite sua

visão de mundo através das personagens. A dicotomia bem e mal; essência e aparência estão bastante presentes em sua literatura e isso mostra a descrença no ser humano.

Podemos tirar certas conclusões sobre a transformação da maneira de Shakespeare ver o mundo. À medida que a possibilidade de uma divergência entre a essência e a aparência, entre o interior e o exterior, se torna mais provável e que a exigência de um conhecimento novo, mais complexo, dos homens se torna mais premente, a ingenuidade acaba por perder não só a sua eficácia como o seu valor moral. O comportamento magnânimo dos homens num mundo que se torna cada vez mais um terreno propício ao mal. [...] Não só desaparece o mundo das grandes personagens ingênuas, como ainda desaparece com ele a própria possibilidade de existência de grandes personalidades ingênuas. (Agnes Heller, 1982, p. 180)

A partir do que foi citado anteriormente pode-se entender que Shakespeare procura mostrar, com suas obras, o caráter contraditório de cada indivíduo. A dicotomia essência e aparência são exemplos dessa contradição. Compreende-se que o ser humano pode ser ao mesmo tempo bom e ruim; humilde e arrogante, ou seja, o ser humano pode fazer uso de máscaras de acordo com as circunstâncias de forma a obter vantagens.

[...] Shakespeare está desenvolvendo uma mudança da esfera meramente política para um plano psicológico, fundindo este para um problema político, que será central nas grandes tragédias. Nessas tragédias, problemas como livre-arbítrio, ponderação e consciência entram em transformação, desvinculando-se da lógica arcaica de pensar o indivíduo como subordinado ao poder divino, para assumir uma lógica própria da individualidade e da vontade humanas. (Carlos Roberto Ludwig, 2008, p. 77)

6 Considerações finais

Ao longo deste trabalho monográfico foram estudados temas concernentes às origens na Antiguidade e na Idade Média. Em relação à Renascença e ao Maneirismo houve a importância de se lançar os olhos nos contextos histórico, social e religioso com a finalidade de, também, se fazer, através da análise das épocas, a possível situação de duas grandes obras de Shakespeare: Macbeth e Hamlet.

Considerei de grande valia a abordagem dos períodos anteriores, a Antiguidade e Idade Média, de forma que pudessem servir de base e que indicassem o caminho percorrido até a Renascença.

Analisando cada um dos contextos históricos eu acreditei ser importante observar a forma como as sociedades se transformaram e desenvolveram e, também, como o conceito de religião foi-se modificando no decorrer dos séculos possibilitando a reflexão e a forma como isso está ligado ao desenvolvimento das sociedades Modernas, que foi tema desta monografia.

Dentro do contexto Renascentista e Maneirista foi possível observar com mais atenção a ótica de Shakespeare e de suas obras: Macbeth e Hamlet. Nessas duas grandes obras, a atenção voltou-se para a questão do caráter e da deterioração dos valores morais e éticos.

As personagens foram analisadas como seres integrantes da sociedade, e dessa forma, obteve-se uma visão de como era a vida em sociedade naquela época. Os conflitos, as crises de consciência, mudanças no alto poder mostram claramente como essa mesma sociedade organizava-se.

É importante considerar que ao fazer uma perspectiva histórica, social e religiosa dessas épocas e analisar obras de Shakespeare, a intenção é observar essas mudanças através de paralelos, comparações ou discordâncias nos períodos pesquisados: Antiguidade, Idade Média, Renascimento e Maneirismo. Épocas em que havia visões de mundo diferentes e pessoas com níveis de consciência e sentido de religião de formas distintas.

Referências

AUERBACH, Erich. **A Representação da realidade na Literatura Ocidental**. 2. ed. São Paulo: editora Perspectiva, 1987.

BACON, Francis, 1561 – 1626. **Novum organum, ou, Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; Nova Atlântida**; Tradução e notas de José Aluysio de Andrade. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CAVALCANTE, Berenice et al. **Modernas Tradições: Percursos da Cultura Ocidental (séculos XV – XVII)**. Rio de Janeiro: Access, 2002.

FARTHING, Stephen; Cork, Richard. **Tudo sobre arte: Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. Totem e tabu e outros trabalhos; V.XIII (1913-1914). Disponível em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000161.pdf>. Acesso em: 21/10/2013.

GAARDNER, Jostein. **O mundo de Sofia: Romance da História da Filosofia**. 25. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GRAZIANO, Lilian. A maior de todas as causas. **Psique**, São Paulo: escala, n. 85, p. 18-19, Janeiro de 2013.

HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. 2. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.

HELLER, Agnes. **O Homem do Renascimento**. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

LUDWIG, Carlos Roberto. **Tensões Políticas e Psicológicas em “Macbeth” e no drama de Shakespeare**, Rio Grande do Sul, 2008. 164p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós – Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

SHAKESPEARE, William, 1564 – 1616. **Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet; Príncipe da Dinamarca; Otelo, o mouro de Veneza**; Traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1978. V. 1.